

O SANGUE DA TERRA: tramas do sagrado no espaço de Juazeiro

*Francisco Régis Lopes Ramos**

*Vi terras da minha terra
Por outras terras andei
Mas o que ficou marcado
no meu olhar fatigado
foram terras que inventei.
Manuel Bandeira*

1. O Meio do Mundo

Quando a roda grande correr dentro da pequena, é chegado o tempo do acerto final. Nos quatro cantos do mundo, corre a pancada dos três estrondos. Despenca a pedra do monte mais elevado e Juazeiro desencanta. É a Nova Jerusalém... Para salvação do justo e a queda do pecado.

* Professor do Departamento de História da UFC e Doutor em História Social (PUC-SP).

Assim falou um devoto do Padre Cícero na grande romaria do dia dois de novembro de 1989, em Juazeiro do Norte, lugar onde vários outros romeiros procuravam alívio para as dores de cada dia, através de rituais de acasalamento com a terra que havia recebido o corpo do Salvador.

Na voz desse romeiro afloram memórias do sangue de Cristo, que veio ao mundo na boca da beata Maria de Araújo, em março de 1889, mais precisamente durante a comunhão ministrada pelo Padre Cícero. Naquele tempo, as notícias sobre as hóstias que se transmutavam em sangue logo ganharam ressonância pelos sertões. Falava-se que Juazeiro era a terra escolhida por Deus para a salvação dos arrependidos. Entrar em contato com tão extraordinária manifestação passou a ser um grande desejo de muitos sertanejos. Foi aí que apareceram as primeiras romarias de Juazeiro.

Para o autor de um folheto de Cordel, a voz profética do Padre Cícero anunciava que Juazeiro era a Nova Jerusalém: "No centro do meio do mundo / sobre as margens do Jordão / edificou Juazeiro / para a nova redenção" (*A profecia do Padre Cícero sobre o Juazeiro*, anônimo).

O Meio do Mundo é o centro, umbigo da terra, lugar pelo qual vem o alimento primordial, a força do existir e do significado. Para além do sentido colocado pelo poeta anônimo do Cordel, meio é condução. Meio do Mundo significa, também, o que conduz ao mundo. Transporte ao existente, fazendo-o existir, tornando-o significante e, portanto, significativo, expressivo. Afi-

nal, o sagrado se faz na medida em que cria vias de acesso ao sentido de tudo que existe, desde antes do nascimento até depois da morte. O ser que tem fé faz da experiência religiosa o meio de constituir o sentido do mundo e de localizar-se nele. Além de centro, o meio é um através.

Juazeiro é um meio do mundo: centro do mundo e maneira de significá-lo. Por meio de Juazeiro, os fiéis que acreditaram no mistério do sangue derramado constituíram topografias pelas quais abriram possibilidades de localização no espaço. Mas a fundação da sacralidade de Juazeiro com o fluxo de sangue e peregrinos, não é a colocação de um centro no espaço, e sim, a própria constituição do espaço por meio das vivências que fazem o centro. Não se trata de uma abstração na qual os sujeitos depositam ou projetam as coisas. Como ressalta Merleau-Ponty (1999, p. 328), torna-se necessário pensar o espaço como inesgotável potência de conexões que não separam sujeito e objeto ou cultura e natureza, pois faz parte da experiência do *ser-no-mundo*: "o espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível".

Ainda mais, quem tem alguma familiaridade com o falar de muitos lugares do Nordeste sabe o que significa: *fulano está no meio do mundo*. Aqui, nada há de sagrado. Pelo contrário, quer dizer que certa pessoa está perambulando pelas ruas, sem destino definido. Mundo, nesse sentido, implica ligar-se às "coisas do mundo", estar na dimensão do profano, transitando na ba-

nalidade do cotidiano ou, até mesmo, deixando-se seduzir pelas tentações da carne, que é o centro nervoso das "coisas mundanas". Meio é, também, entregar-se ao mundo.

Eis a riqueza do meio, transita entre o Céu e a Terra. É carne e espírito. Juazeiro é um *meio do mundo*. A ambigüidade do termo permite interpretações sobre o sagrado como algo encarnado: experiência religiosa que é vivência concreta no cotidiano, e não um mero "sistema de crenças".

Em março de 1889, quando apareceram as primeiras romarias atraídas pelos milagres da beata Maria de Araújo, emergiu um lugar sagrado. No imaginário de muitos sertanejos, o sangue derramado na hóstia era um sinal do Além. A Divina Providência estaria anunciando os mistérios do sagrado por meio do Padre Cícero e da beata, cujo nome completo muito revela sobre a vida religiosa que havia no pequeno povoado em fins do século XIX: Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo. Juazeiro emergia como um centro de salvação da humanidade mergulhada em pecados. O Padre Cícero, que era o confessor da beata, assumia o papel de grande santo da proteção.

Para a cúpula da Igreja Católica no Ceará, acreditar que a hóstia virava sangue na boca da beata Maria de Araújo era uma grosseira manifestação de fanatismo. Dom Joaquim, o bispo do Ceará, não se cansava de condenar a postura dos romeiros, sempre lançando proibições para combater os "desvios da religião". Mesmo com a repressão clerical, Juazeiro entrou em um

expressivo processo de crescimento populacional. O constante fluxo de peregrinos e de migrantes incrementou o comércio, bem como a produção artesanal e agrícola. Rapidamente, o povoado transformou-se na mais importante cidade do Cariri, quer dizer, da região Sul do estado do Ceará.

O alargamento do espaço urbano de Juazeiro veio acompanhado pela gestação de grupos afortunados ou remediados que ganhavam dinheiro com o movimento das romarias e desejavam para si um certo "status", longe dos que recebiam o título de "fanáticos do Padre Cícero". Desenvolveu-se, então uma exaltação que se pretendia desvinculada do "fanatismo". Isto é, criou-se um culto racionalizado que colocou em destaque as virtudes pessoais do Padre Cícero, enquanto o sobrenatural procurou adequar-se aos postulados da Igreja, que condenava tudo isso. Erguia-se a figura do padre virtuoso (e perseguido pela maldade da Igreja), juntamente com a imagem do prefeito honesto, do homem caridoso e trabalhador, ou ainda daquele que possuía inteligência para promover o desenvolvimento agrícola e comercial da região, em conformidade com os ideais da chamada "modernidade".

A sacralidade era constituída em várias dimensões: desde a experiência mística de romeiros ou de beatos e penitentes que moravam na periferia da cidade, até a religiosidade dos que procuravam conciliar catolicismo oficial e a fé nos poderes do Padre Cícero, tudo a partir de valores do progresso e da civilização. Juntamente com as tensões entre as várias maneiras de crer

no sangue derramado, que constituíam as espacialidades de Juazeiro, havia um conflito entre Juazeiro e Fortaleza, na medida em que o Bispado do Ceará tudo fazia para pôr um ponto final na marcha das romarias.

Estudar a historicidade do espaço de Juazeiro é levar em consideração que existe uma cidade desejada, um território enigmático sobre o qual o fiel gera sentidos para sua vida e seu mundo. É o lugar dos que acreditam nos poderes do Padre Cícero. Assumir a condição de afilhado do taumaturgo significa “*ser de Juazeiro*”:

Juazeiro é isso aqui que o senhor está vendo. Cheio de romeiro do meu padrinho. Aqui é de todo mundo que tem fé. É preciso ter fé. E aí é aquela satisfação! Meu pai conheceu o Padre Cícero, meu padrinho. Aí, desde pequeno que todo ano eu venho com a romearada de Alagoas. A viagem é grande, mas a gente vem cantando, rezando. Aí, a gente deixa a casa que a gente mora, mas vem para uma casa que é de todo mundo. O senhor entende? Tem o Horto... A casa onde viveu meu padrinho. Tem até a cama que ele dormia. De noite, tem festa lá na Matriz. Pra mim, visitar o Juazeiro é a coisa mais importante! (Depoimento de José da Silva, 65 anos, romeiro de Alagoas)

Juazeiro é uma dinâmica conexão de significados. Um texto, no qual o a(u)tor - ou seja, o devoto do Padre Cícero - é leitor e personagem. Juazeiro é um jogo discursivo configurado na linguagem dos fiéis. São eles que sabem soletrar e decifrar as mensagens do texto, não só com os olhos, mas através de todo o corpo. Experimentam a expressividade religiosa de cores, formas, odores, sons, movimentos, temperaturas... Tudo isso faz do lugar sagrado uma extensão do corpo do devoto,

uma simbiose entre a carne e seus arredores. A cidade sagrada se faz na medida em que é criadora e criatura do corpo do devoto.

No Juazeiro dos peregrinos, desenvolve-se uma malha urbana marcada por delimitações que expressam exclusões e conflitos sociais. As vivências das relações sociais foram constituindo várias cidades, isto é, várias espacialidades em um mesmo “espaço físico”. Nesse sentido, é possível falar em cidade dos romeiros, cidade das elites, cidade dos pobres da periferia, ou ainda em cidade dos penitentes ou dos beatos. E, na heteróclita composição de cada uma dessas cidades, é possível vislumbrar uma multiplicidade de vivências que não estão reduzidas a um “esquema explicativo”, a uma definição pronta e acabada.

A concretude histórica da experiência religiosa não pode ser expressa por meio de definições e sim através de problematizações em torno da multiplicidade de vivências dos homens e mulheres que instituem suas confianças e suas dúvidas, em uma topografia eivada de mutações e ambigüidades. No dia-a-dia dos devotos há um “folheado” de caminhos que não seguem postulados já instituídos. Em processos de seleção e reelaboração do sagrado os devotos tomam várias direções, criando inúmeras dissonâncias entre as maneiras de crer.

“O cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*”, diz Michel De Certeau (1994, p. 38). É para esse cotidiano, feito de *criatividade dispersa*, que se volta o olhar desse estudo. Interessa discutir a religiosi-

dade como experiência cotidiana, que não está subordinada a parâmetros congelados. O intuito aqui delimitado não é analisar supostas normas que regem a configuração do espaço religioso e sim esmiuçar as *artes de fazer*, a inventividade que emerge quando os devotos vivenciam suas crenças, em confronto, explícito ou não, com normas socialmente estabelecidas. Esse é um estudo seduzido pela idéia de perscrutar a *caça não autorizada* (CERTEAU, 1994).

Perceber as *maneiras de fazer* exige do historiador um procedimento interpretativo desvinculado do pensamento esquemático. Um estudo que leva em consideração as invenções do cotidiano não pode seguir os modelos da lógica formal, que reduz a história a um conhecimento universal que tem sua validade em processos de indução e dedução, ou causa e consequência. Sem grande interesse pelo cultivo da síntese, o que mais importa na proposta aqui apresentada é a possibilidade de vislumbrar práticas sociais que escapam das regras instituídas pelo poder dominante, e expor contradições ou ambigüidades, não como se expõe uma coleção desarticulada de fragmentos ou curiosidades, mas como tentativa de dar conta da complexidade constitutiva da problemática em pauta.¹

Levando em consideração a multiplicidade de experiências religiosas dos devotos do Padre Cícero, o presente artigo trata especificamente da trama de revelações que impulsionaram as primeiras romarias. Falar em recepção de mensagens do Além foi uma prática que marcou, de modo largo e profundo, a vida do Pa-

dre Cícero e das beatas envolvidas na transformação da hóstia em Sangue. Foi em busca de algum contato com os mistérios da Divina Providência que um enorme contingente de peregrinos fundou a sacralidade de Juazeiro.

As primeiras narrativas das beatas e do Padre Cícero falavam em milagres a partir de outras histórias que estavam na Bíblia ou nas vidas dos santos, transmitidas por tradições orais e escritas. Já familiarizados com o ato de contar e ouvir graças alcançadas e a prodigiosa biografia de homens e mulheres escolhidos por Deus, os devotos espalhados pelos sertões receberam as notícias sobre o “milagre de Juazeiro” como um acontecimento extraordinário, porém inseridas em perspectiva coerente e plausível. Assumindo a condição de devotos do Padre Cícero, homens e mulheres passaram a dar ressonância aos prodígios de Juazeiro na medida em que também sentiram-se partícipes do movimento, protagonizando narrativas de promessas e dádivas recebidas. As crenças geravam histórias, assim como as histórias geravam crenças. Antes de ser explicado, Juazeiro foi narrado.

As narrativas orais e escritas sobre Juazeiro têm uma proporção completamente desmensurada. O pesquisador que se debruça sobre o que foi dito ou escrito sobre a cidade toma um susto que, no decorrer do tempo, volta sorrateiramente a se repetir. Cada romeiro conta suas histórias e, atualmente, a romaria chega a ter quase um milhão de devotos participando por ano. A respeito de documentos escritos a situação é seme-

lhante: os inventários que dão conta do número de cordéis sobre Juazeiro são constantemente superados, em razão da descoberta de um exemplar desconhecido dos pesquisadores ou por causa da publicação de um novo folheto.

Além de ter sido a cidade onde viveram poetas de significativa importância, como João de Cristo Rei (1900-1983), Manoel Caboclo (1916-1996) ou Exedito Sebastião (1928-1997), Juazeiro destacou-se como um centro de impressão de folhetos. Duas grandes oficinas espalharam folhetos por todo o Nordeste durante mais de quarenta anos: a tipografia do poeta José Bernardo da Silva, no decorrer dos anos 40 e 50, e a tipografia de Manoel Caboclo, nas décadas de 60 e 70. Todos eram devotos do Padre Cícero e fizeram com estilos próprios e marcantes uma tessitura de narrativas que ritualizaram a sacralidade de Juazeiro. Constituíram parte da imensa produção de narrativas que até hoje circulam pelos ouvidos dos romeiros. Uma produção poética que foi escrita (e falada) na linguagem dos devotos, como meio de autocompreensão e engendrando relações de pertencimento.²

Feito e refeito nas vivências do cotidiano, Juazeiro ficou profundamente marcado pelas táticas de sobrevivência. Com a hóstia que vertia sangue, o pequeno povoado foi se transformando em cidade de migrantes que alargavam o tamanho das ruas e romeiros que faziam de Juazeiro um "Centro do Mundo". De algum modo, todos esses sertanejos moveram-se na esperança de ter soluções para dores do dia-a-dia. Para curar uma do-

ença, para pedir um bom casamento, um emprego, um pedaço de terra ou inverno abundante, migrantes e romeiros exercitavam uma fé cotidiana, como parte das astúcias que procuravam superar as desventuras e necessidades do viver. Foram esses devotos que transformaram Juazeiro em um lugar sagrado: meio do mundo e de sobrevivência.

2. O Milagre

Em março de 1889 aconteceu pela primeira vez, em público, o “Milagre de Juazeiro”. A hóstia transmutou-se em sangue quando a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo (1863-1914) recebeu a comunhão em missa celebrada pelo Padre Cícero. Além desse, outros fatos extraordinários foram anunciados no pequeno povoado do Cariri: colóquios da beata com Jesus, sangramento de crucifixos e êxtases. Daí surgia um forte movimento religioso: as romarias de Juazeiro. Os sertanejos começavam a alimentar crenças sobre o poder miraculoso do Padre Cícero e da beata Maria de Araújo, criando rituais e narrativas em torno das forças do Além que aliviavam os sofrimentos do viver.

Para o padre Cícero e a beata Maria de Araújo, assim como para milhares de romeiros, Juazeiro era um espaço de comunicação entre o Céu e a Terra. A transformação da hóstia em sangue anunciava que o povoado era um território de salvação para os pecadores. A sacralidade de Juazeiro estava relacionada com as lá-

grimas de Cristo em face dos "desvios" que se operavam em todo o mundo. Tratava-se de um sinal da Divina Providência para a rápida conversão dos filhos rebeldes. O mistério do sangue que surgia durante a comunhão era associado a um aviso sobre o *fim das eras*. O padre e a beata acreditavam que suas vidas eram instrumentos de Deus, que deveriam converter os "desviados" e realimentar a fé dos devotos.

Em novembro de 1889 o Bispo do Ceará, Dom Joaquim Vieira, escreveu uma carta ao vigário de Juazeiro, Cícero Romão, pedindo explicações sobre os fatos vivenciados por Maria de Araújo. Estava preocupado com a ausência de um comunicado oficial por parte do Padre Cícero. Seguindo os passos da burocracia canônica, a interpretação do Bispo foi incisiva e autoritária: afirmou que o silêncio sobre um fato tão extraordinário era uma quebra do voto de obediência.

Somente em 7 de janeiro de 1890, depois de sofrer repreensões de Dom Joaquim, Padre Cícero escreveu um relatório sobre os "milagres de Juazeiro", pedindo perdão por não ter comunicado o "fato extraordinário" com maior rapidez, argumentando que a atenção dispensada aos peregrinos deixava-o com pouco tempo. Cheio de fé nos poderes de Deus, Padre Cícero informou vários detalhes sobre a transformação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araújo. Em seguida esclareceu que sua intenção era não divulgar esse fato, mas a notícia logo se espalhou.

Sem provas suficientes, Dom Joaquim ficou com dúvidas sobre o significado desse "fato extraordinário".

Sua primeira idéia no sentido de esclarecer o noticiado "milagre" foi pedir ao Padre Cícero que providenciasse a transferência da beata de Juazeiro para a Casa de Caridade do Crato. No entanto, essa determinação não foi cumprida e o Bispo interpretou a situação como grave desobediência. Em carta enviada ao Padre Cícero em julho de 1890, Dom Joaquim escreveu que, diante da insubordinação, não podia haver milagre: "Maria de Araújo desobedeceu-me!!! Para mim, está tudo acabado, não há sobrenaturalidade nos factos acontecidos com Maria de Araújo. [...] meu juízo está formado". Em seguida, Dom Joaquim advertiu que o milagre passasse a ser um assunto falso e proibido. Com isso, iniciava-se uma longa trajetória de atritos entre as autoridades da Igreja Católica e o vigário de Juazeiro.

Após duas intimações do Bispo Dom Joaquim, Padre Cícero decidiu viajar para Fortaleza a fim de responder ao primeiro inquérito formal sobre "os fatos de Juazeiro". Em 17 e 18 de julho de 1891, o Palácio Episcopal abrigou um detalhado interrogatório em torno do polêmico assunto. Em seguida, Dom Joaquim anunciou a posição da Igreja: não era e nem podia ser um milagre os acontecimentos com a beata Maria de Araújo. Declarou que ficava proibida qualquer manifestação a favor desse caso supostamente sagrado. Por fim, informou que, em breve, iria compor uma comissão de inquérito para averiguar em Juazeiro todos os detalhes do acontecido.

Em 9 de setembro a prevista comissão de Inquérito nomeada pelo Bispo iniciava sua difícil tarefa:

descortinar a verdade. Depois de longa investigação em Juazeiro foi escrito um parecer afirmando a sobrenaturalidade dos fenômenos examinados. Insatisfeito com essa conclusão, que enxerga a presença do sagrado nos "fatos de Juazeiro" e preocupado com o crescente "fanatismo dos ignorantes", Dom Joaquim nomeou outra comissão de inquérito em abril de 1892. Em pouco tempo essa segunda comissão apresentou um resultado já esperado pelo Bispo: afirmou que o milagre não existe, pois em várias ocasiões do inquérito a hóstia não havia se transformado em sangue. Em agosto desse mesmo ano, Padre Cícero foi proibido de pregar, confessar, dar conselhos aos fiéis e celebrar missa em Juazeiro.

Um dos principais registros sobre a experiência religiosa da beata e de outros devotos foi o "Processo Instruído Sobre os Factos de Juazeiro", redigido a partir das investigações das duas comissões de inquérito nomeadas pelo Bispo Dom Joaquim em 1891 e no ano seguinte. Nesse documento, tornou-se possível vislumbrar valores e sentimentos que fundaram de modo profundo e misterioso as primeiras sacralizações do espaço de Juazeiro.³

Além de registros a partir de observações diretas em torno das transformações, o inquérito contém depoimentos do Padre Cícero, de dois médicos, de algumas testemunhas, de Maria de Araújo e das outras beatas que estavam envolvidas no caso. Muitas devotas colocaram-se diante do inquisidor não só como depoentes, mas, também, como protagonistas. Maria de

Araújo tornou-se a beata mais conhecida, mas não era a única que mostrava "intimidade" com o Salvador.

De acordo com o "Processo Instruído Sobre os Factos de Juazeiro", as primeiras investigações realizaram-se em Juazeiro "aos nove dias do mês de setembro do anno de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e noventa e um". Para dar início ao interrogatório, a comissão reunida no consistório da Igreja de Nossa Senhora das Dores orientou Maria de Araújo para que pronunciasse o "juramento dos Santos Evangelhos". Sob o olhar atento dos dois enviados de Dom Joaquim, Maria de Araújo prometeu dizer somente a verdade sobre o que fosse perguntado.

Ao ser indagada sobre suas "visões maravilhosas", a beata afirmou que desde os nove anos recebia mensagens e "direções espirituais" de Cristo e da Virgem Santíssima. Respondendo a uma pergunta sobre suas meditações, informou que sempre pensava sobre "a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo" e acrescentou que, de acordo com as revelações, ela também deveria passar pelos sofrimentos da Paixão.

Na "vigésima segunda resposta", Maria de Araújo disse que

Nosso Senhor Jesus Christo lhe tem revelado que tudo isso se opera para a conversão dos pecadores e perseverança dos justos, chegando até a queixar-se amargamente da ingratidão dos homens para com elle, chamando-os a aproveitarem-se de suas graças enquanto é tempo de misericórdia.

Com o desenrolar do inquérito, os investigadores ficaram sabendo que Cristo se manifestava de várias

formas. Além das mensagens, dos conselhos e da transmutação da hóstia em sangue e carne havia sinais traduzidos em chagas que marcavam o corpo da beata Maria de Araújo, como mostra o seguinte trecho do relatório:

[...] - vigésima-nona pergunta) Tem chagas em seu corpo e julga que essas chagas são sobrenaturais, verdadeiras chagas do amor divino?

Respondeu que sim porquanto tem nesse sentido particular revelação de Deus, que lhe diz querer com isso comunicar-lhe seu amor [...]

- trigésima pergunta) Tem se produzido em seu corpo algumas impressões admiráveis, bem como dos diversos instrumentos da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e quaes sejam ellas?

Respondeu que sim, imprimindo-se muitas vezes em sua fronte a corôa de espinhos, em suas mãos e pés os cravos e em seu peito uma cruz, experimentando sempre a par de vehemente dor, grande consolação da alma e então Nosso Senhor, lhe revela que isso se operava para que ella em união com os soffrimentos de sua paixão concorresse com elle a converter os peccadores, a santificar as almas e a libertar as almas do purgatório.

De modo claro e penetrante, segundo a beata, o Filho de Deus lhe recomendava que o mais importante era entregar-se inteiramente ao amor da Divina Providência. Maria de Araújo dizia que não sabia amá-lo. E, imediatamente, ouvia: "Eu te darei um coração capaz de me amar". Um dos grandes momentos de revelação do amor celestial foi o casamento de Maria de Araújo com Cristo, que teve lugar na Matriz de Juazeiro, com a presença da Virgem Maria, de São José e de um coro feito por anjos e virgens. Ao descrever esse "consórcio espiritual", Maria de Araújo contou que "Cristo lhe introduziu no dedo o anel nupcial" e, em seguida, "deu-

lhe a mão chamando-lhe espoza e confirmando-a como tal, exigindo que ella se consagrasse de um modo mais íntimo". Segundo as mensagens recebidas, o laço matrimonial lhe daria mais sofrimento, mas tudo aconteceria em nome do amor que Deus derramava sobre Juazeiro para a salvação dos pecadores.

Três dias depois, ou seja, no dia 11 de setembro, realizou-se um novo interrogatório. Em cada resposta, Maria de Araújo reafirmava sua apaixonada intimidade com o Salvador. Espantados e atentos aos detalhes os relatores registraram que, em certa ocasião, a beata vislumbrou Jesus e Maria entrando pela Matriz de Juazeiro, com tochas acesas e cânticos celestiais. Enquanto isso, vários anjos choravam... Todos encaminhavam-se para o Altar do Santíssimo no intuito de glorificá-lo. No decorrer do ritual, Deus anunciou que, no meio de cânticos e tochas, "viriam muitos romeiros a adorar seu precioso sangue, muitos dos quais se haviam de converter e d'ali se haviam de retirar chorando, por não poderem ali ficar". Como havia ocorrido em outras vezes, Maria de Araújo viu

Nosso Senhor em pé sobre o cuppedaneo, a derramar sangue da frente, do lado, das mãos e pés, abrindo [...] seu coração, dizendo-lhe: fica aqui dentro do meu coração para me amar, não somente por ti mas por outros que não me amam.

Em outras ocasiões, Cristo dizia:

[...] quero aqui derramar abundantes graças que muitos hão de se aproveitar, aqui adorando meu próprio sangue; quero aqui ainda criar apóstolos do meu coração para salvação de muitas almas, tanto deste lugar como de outras partes.

Juazeiro seria transformado em “uma porta do Céu e um lugar de salvação para as almas”.

Com base em documentos enviados pelo Bispo Dom Joaquim, a Congregação do Santo Ofício (Roma) negou, em abril de 1894, a possibilidade de milagre no fenômeno examinado. As peregrinações em torno do sangue ficavam totalmente proibidas. Contudo, isso não pôs um ponto final à “rebeldia” de Juazeiro. As romarias continuaram e novos adeptos apareceram. Sempre rodeado de proibições e atritos com a Igreja, Padre Cícero morreu sem realizar seu grande desejo: ter novamente o direito de celebrar missa.⁴

Sem ocupar o púlpito e sob o olhar vigilante da Igreja, ele não abandonou Juazeiro. Quase sempre procurava não contrariar as determinações dos superiores, mas não deixou sua fé nos prodígios da “Terra da Mãe de Deus”. Juazeiro e suas romarias cresceram no meio de um prolongado atrito com o poder da Igreja - jogo de forças que até hoje continua sob certa tensão.

Para Dom Joaquim, Juazeiro era um centro de fanatismo e desobediência, onde os sertanejos desviavam-se da verdadeira religião. Tal postura de intolerância guardava íntima ligação com as políticas implementadas pelos altos funcionários de Roma - a “romanização”. Em linhas gerais, os historiadores usaram o termo “romanização” para caracterizar as diretrizes adotadas pelos comandantes da Igreja Católica na segunda metade do séc. XIX.⁵

Enquanto o Palácio Episcopal estabelecia uma conflituosa relação com Juazeiro, aumentavam as cren-

ças sobre a existência de milagres em torno do Padre Cícero e da beata Maria de Araújo. Juazeiro transformava-se em um lugar sagrado, atraindo romeiros das mais remotas paragens do Sertão. Mesmo com as várias proibições da Igreja, o número de peregrinos foi aumentando.

3. A trama das revelações

De acordo com o livro, *O Padre Cícero que eu conheci*, publicado em 1969 por Amália Xavier, o grupo inicial de beatas do Juazeiro se formou em 1885:

O Padre Cícero reuniu algumas jovens piedosas, suas dirigidas espirituais, e após um retiro de oito dias, numa solenidade por ele presidida e auxiliado pelo Padre Vicente Sother de Alencar,[...], conferiu o manto e o hábito de beatas àquelas jovens [...]

Eram doze devotas: Jael Cabral, Maria Leopoldina da Soledade e sua irmã Ana Ferreira, Raimunda da Cruz Neves (Minda), Josefa Maria do Espírito Santo (Bichinha) e sua irmã Rosa de Dona Guerra, Maria das Dores de Jesus, Maria Martins de Macedo, Jerônima Bezerra Monteiro (Gulica); Isabel Calou (Besinha); Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo e Joana Tertulina de Jesus. Com maior ou menor intensidade, todas essas mulheres participaram dos enfrentamentos contra as proibições de Dom Joaquim (XAVIER DE OLIVEIRA, 1982).

O mais significativo conjunto de indícios da experiência religiosa dessas beatas ficou registrado nos inquéritos de 1891 e 1892. Em uma mistura de êxtase e

Diante da comissão de inquérito, Maria declarou que muitas vezes foi em espírito a Roma, “por disposição especial de Deus, para ali comungar pelo Sumo Pontífice e pelo povo Romano para que o Sumo Pontífice fosse levado a aprovar esses milagres [...]”. Ao narrar tal acontecimento, Maria da Conceição colocou-se acima da autoridade papal: era mensageira de Deus. Mas, ao mesmo tempo, seu depoimento mostrou que o seu desejo maior era ter o reconhecimento da Igreja. Seu empenho estava não em promover um movimento cismático e sim em conquistar espaço no território da Igreja Oficial. Seu depoimento inseria-se em uma luta por lugares nas cartografias do sagrado.

Outra testemunha presente no processo foi Anna Leopoldina de Aguiar Mello. Assim como as outras beatas, Anna Leopoldina confirmou que todos os fenômenos ocorridos com Maria de Araújo eram manifestações de caráter divino. Além disso, revelou que ela mesma havia participado dos mistérios, afirmando que, em certa ocasião, foi ao Purgatório, onde ouviu Nosso Senhor falar que o sangue derramado tinha origem na Divina Providência. “Ali eu comungava das mãos do próprio Jesus Cristo em sufrágio das almas do Purgatório [...]”, disse a beata.

Além disso, Anna Leopoldina declarou que ela mesma fez três viagens para o Céu, onde Nosso Senhor lhe deu a comunhão sob a espécie de sangue contido num cálice de ouro, dizendo-lhe: “bebei, que este é o sangue do meu coração [...]”. Seguindo o mesmo caminho das outras depoentes, Anna Leopoldina não apenas respondeu indagações sobre a beata Maria de Araújo

dor, várias mulheres não economizaram palavras para mostrar o fascínio diante dos milagres que operavam ou presenciavam. Se a primeira comissão de inquérito foi a Juazeiro para investigar os fatos ocorridos somente com Maria de Araújo, uma grande surpresa se fez presente: várias eram as devotas que falavam sobre contatos com os mistérios do Além.

Diante das perguntas, Antonia Maria da Conceição afirmou que o seu espírito já tinha visto Maria de Araújo no Céu e no Purgatório, "glorificando quando ia ao Céu e sofrendo quando ia ao Purgatório". Em seguida declarou que todos os acontecimentos de Juazeiro eram a mais pura revelação do Espírito Santo. Para surpresa dos padres que faziam o inquérito, Maria da Conceição mostrou de modo concreto e visível a veracidade de tudo o que era dito. O relator da comissão escreveu que

[...] a testemunha tomada de êxtases, apresentou entre os dedos polegar e indicador da mão direita quatro partículas, dizendo que Nosso Senhor mandava entregar aquelas quatro partículas a seu confessor para que ele comungasse juntamente com os padres da Comissão e a própria testemunha.

Ao dar a comunhão, Maria da Conceição operou uma significativa inversão de papéis. Ao invés de receber a hóstia dos padres, Maria assumiu o poder de realizar o sacramento da comunhão, uma competência exclusiva de homens qualificados pela Igreja. De modo concreto e espetacular, a beata mostrou que, *a priori*, os milagres já tinham legitimidade canônica. Para a política de romanização, que procurava obliterar o poder dos leigos, tudo isso era uma postura inaceitável.

jo, mas também assegurou que a sua própria vida estava marcada pela força do sagrado. Antes de serem informantes, as beatas assumiram a condição de personagens envolvidas na trama do sangue derramado.

No relatório das entrevistas, sempre apareceram episódios que denotavam a íntima relação das depoentes com o sangue de Cristo. Jahel Wanderlei Cabral contou que, certo dia, em julho de 1890, recebeu do Céu uma revelação de Nosso Senhor. Ao comungar na Capela de Juazeiro, a beata começou a vislumbrar todo o mundo a sofrer uma grande tempestade e, naquele momento, observou que pássaros de todas as qualidades e de todas as cores estavam bebendo o sangue contido em uma caixa. De repente, um pássaro olhou para a beata e, com o bico molhado de sangue, fez ecoar o verbo encantado: "estes pássaros são almas de toda qualidade, as quais virão de todas as partes e lugares para beber sua salvação no sangue de Nosso Senhor derramado aqui neste lugar".

Juazeiro era uma caixa de sangue, seduzindo as almas com sede de salvação. Rios de leite e mel iam nascer do sangue derramado, em liturgias de sacrifício e fertilidade. "Chagas abertas e Coração ferido", em ritual de purgação e êxtase. Tudo estava anunciado. Não para o Bispo, mas para mulheres pobres e anônimas, sem a menor importância na corte clerical.

As beatas sabiam que nos Evangelhos a boa nova era revelada aos pouco afortunados. Em uma passagem da Sagrada Escritura, Jesus se dirigiu a Deus: "Eu te louvo, Pai, Senhor do Céu e da Terra, por teres ocul-

tado isso aos sábios e aos inteligentes e por tê-lo revelado aos pequeninos" (Mt. 11,25).

Sob a égide do vinho tinto, as vozes dessas devotas saíam do Além, mas só existiam porque passavam pela garganta. Não se tratava da exposição de dogmas oficiais, mas de um verbo encarnado em vivências do cotidiano. O fluxo de romeiros que começava a penetrar Juazeiro por todos os lados era mais uma prova para os olhos do mundo. No palmilhar sobre estradas e veredas, os peregrinos germinavam a força do sagrado na terra prometida. Juazeiro emergia como rebento de mistérios. As fronteiras entre o Céu e a Terra tornavam-se rompidas. Juazeiro era o lugar anunciado. Das entranhas desse chão brotava a seiva dos bem-aventurados.

Em cada depoimento anotado pelo relator do processo de 1891 estava em jogo a delimitação do espaço legítimo para o recebimento de revelações do sagrado. Para surpresa do Bispo, as vozes que narravam a intimidade com os poderes de Deus emergiam das beatas e não do corpo clerical. O pior nesse sentido é que o Padre Cícero e outros vigários ficaram seduzidos pelo depoimento das beatas e, além disso, ainda sentiram-se como partícipes dos fenômenos.

No que diz respeito a um confronto mais direto com o Bispo, o depoimento da beata Jahel Cabral foi um dos mais eloqüentes. Diante da comissão, declarou que, enquanto estava rezando uma via-sacra na Igreja, às duas horas da madrugada, viu Nosso Senhor todo banhado de sangue e profundamente magoado com

aqueles que negavam os milagres de Juazeiro. Ao concluir a tessitura da sua narrativa, a beata Jahel disse que escutou, com nitidez, um dramático e decisivo veredicto:

Não é de admirar que não entendam o mystério de derramar-se sangue das hóstias consagradas, sangue que é meo, porque a fé está se acabando. Quando eu vim ao mundo não foram os Pontífices e Sacerdotes que deram a sentença de morte?

Várias outras visões também mostraram-se bastante incisivas:

[...] estava eu em oração, quando vi outra vez o Eterno Padre, dizendo-me então: Nos altos decretos de Deus foi permitido isso que o Bispo fez (e nisto mostrava-me uma carta). Em seguida o Padre Eterno tomou-me pelas mãos dizendo: vamos a casa do Bispo; quando ali chegamos, chamou elle pelo Bispo e elle não respondeo. [...] Então eu indiquei que melhor seria subirmos, e o Eterno Padre disse em resposta: não, vamos ser os pequenos para depois sermos os grandes. Chamou pela segunda vez o Bispo, e vindo então algumas pessoas, disse o Eterno Padre que queria falar com o Bispo mesmo, ao que ficando elles como indiferentes, chamou a terceira vez o Eterno Padre pelo Bispo, que não acudio ao chamado, quando então disse o Eterno Padre: 'está vendo? Já é a terceira vez que o chamo, vamos embora, e nesse interim traçou uma cruz sobre a porta'.

A narrativa tecida na boca das beatas estava em nítida oposição ao Bispo Dom Joaquim. De algum modo todas as beatas tinham intimidade com as mensagens da Bíblia. Os fios com os quais elas teceram parte de suas histórias eram retirados do Evangelho, como foi o caso das três negativas que Cristo recebeu do Bispo, cujo sentido guardou semelhança com a passagem do evan-

gelho em que Pedro, um dos discípulos de Jesus, negou seu mestre por três vezes (Mt. 26, 69-75).

A construção dos depoimentos denotou que, no modo de vida das devotas, o Evangelho ocupava um lugar de significativo destaque. A rebeldia das beatas sustentava-se em experiências anteriores: uma vida dedicada à leitura ou à escuta de passagens da Bíblia. Para enfrentar a autoridade legalmente instituída, as beatas mostraram considerável experiência no trato com a doutrina católica. A vivência do catolicismo extrapolou parâmetros oficiais e negou o poder estabelecido pela hierarquia clerical.

O historiador Gershom Scholem (1997, p.11-42) afirma que “o misticismo implica por sua própria natureza o perigo de um incontrolado e incontrolável desvio em face da autoridade tradicional”.

Com a certeza de estar em contato mais direto com as forças do sagrado, o místico sente-se com legitimidade para enfrentar os poderes instituídos. Todos os devotos de Juazeiro que enfrentaram a Igreja falavam em nome da mais poderosa autoridade: a Divina Providência (SCHOLEM, 1997).

Apoiadas em mensagens que seriam do Além, as beatas falaram que o processo deveria ser enviado diretamente para o Papa, sem passar pelo Bispo, ferindo, portanto, a burocracia canônica. Havia na voz das beatas uma rebeldia que procurava se sustentar em parâmetros da Igreja. Era uma trama de revelações que colocava os fenômenos no universo do mundo católico, ou melhor, no campo de forças da hierarquia clerical.

“Remetam ao Papa o processo que se há de fazer”, falou Nossa Senhora em uma de suas aparições à beata Jahel Wanderlei. “Mas o processo só seria remetido ao Papa se o Bispo mandasse, como disse o padre”, replicou a Beata. Em seguida, Nossa Senhora disse, mais uma vez, que o documento não deveria passar pelo Bispo: “remettam para o Papa”. Conforme o depoimento da beata, a mensagem da Virgem foi recebida depois de uma comunhão. Como ocorria com as outras devoções, o momento das revelações vinculava-se ao ato de comungar. Em outros termos: as visões emergiam a partir de um sacramento da Igreja.

A beata Maria da Soledade disse que, várias vezes, havia recebido revelações de Nosso Senhor. Nessas ocasiões, o Salvador tecia um discurso sobre a postura daqueles que não acreditavam no poder manifestado em Juazeiro. De acordo com a beata, Cristo lhe deu, em certo momento, a seguinte explicação:

É isso um mystério de amor, além da razão humana, nessa segunda vinda mystica minha ao mundo, eu hei de ser do mesmo modo trahido, blasfemado, injuriado, odiado, escarnecido e vilipendiado ainda mais que dantes por aquelles mesmo a quem vinha salvar e remediar.

As vivências dessas mulheres estavam envolvidas nos mistérios da comunhão, na salvação entranhada na hóstia que se transformava em carne e no sangue de Cristo. Tudo o que falavam no inquérito girava em torno do sacrifício que Cristo fazia para a salvação dos pecadores. Como partícipes de um acontecimento dessa natureza, elas saíam do anonimato. Encontravam

valorização no imaginário do qual faziam parte, isto é, no campo de crenças e rituais da Igreja Católica. Ao mesmo tempo, as beatas instituíaam um grande desvio no caminho que estava proposto pelas determinações oficiais do corpo clerical.

Em certo sentido, Juazeiro inverteu a devoção ao Coração de Jesus que, a partir do séc. XIX, era uma das políticas do Vaticano no sentido de promover a purificação do catolicismo. Purificar, nesse caso, significava aumentar o domínio dos padres sobre os rituais operados pelos devotos. O fundamental seria receber os sacramentos da Igreja Católica e não as relações mais diretas entre o devoto e o sagrado. O clero seria o intermediário oficial e legítimo para se colocar entre o Céu e a Terra. O culto ao Coração de Jesus celebrava a morte de Cristo na cruz, ressaltando que a forma mais adequada de glorificá-lo era mediante a recepção dos sacramentos. A comunhão apresentava-se como lugar privilegiado para aqueles que desejavam cultuar o Sagrado Coração. Desse modo, a Igreja procurava aumentar o poder clerical e diminuir a autonomia dos "leigos" (AZZI, 1990).

Em Juazeiro, o fervor com que as beatas encarnaram a fé no Coração de Jesus acabou invertendo o sentido oficial. Ao invés de maior submissão à estrutura da Igreja, as devotas colocaram-se, diante do mundo, como portadoras de mensagens da Divina Providência. A partir de um culto calcado na obediência, elas arranharam a hierarquia desejada pela "romanição".

Na sacralização de Juazeiro, homens e mulheres constituíam um discurso de autovalorização que borrou os limites do poder instituído no campo religioso. De modo escorregadio e contraditório, a obrigação de escutar e de obedecer transmutou-se em direito de falar em nome de Deus. Emergiu uma luta em torno da voz. Na voz de todas as beatas houve uma disputa de lugares feita de agressividade e sutileza.

As beatas, os beatos, os penitentes ou os romeiros enfrentavam a repressão da Igreja de várias maneiras, transitando entre a revolta explícita e a subordinação aparente. Era um embate eivado de ambigüidades. Um movimento contra a Igreja, mas a partir da Igreja e com o desejo de ter, da Igreja, a legitimidade para o sangue derramado.

No intuito de fortalecer sua política de repressão aos "milagres de Juazeiro", Dom Joaquim nomeou em fevereiro de 1892 Monsenhor Alexandrino para ocupar o cargo de vigário do Crato. Até 1900, quando foi transferido para "outra freguesia", Monsenhor Alexandrino procurou seguir todas as orientações do Palácio Episcopal. Em suas cartas enviadas a Dom Joaquim havia, além das estratégias repressivas, alguns indícios das crenças que fizeram de Juazeiro um lugar sagrado.

Em uma das cartas enviadas ao Bispo, no final de 1894, Monsenhor Alexandrino mostrou-se bastante indignado com a insubordinação de Juazeiro. Contou que sua conversa com as beatas Maria da Soledade, Maria das Dores, Tertulina e Jahel tinha sido pouco proveito-

sa, pois elas sustentavam que seus depoimentos para comissão de inquérito eram a “expressão da verdade”. De acordo com Monsenhor Alexandrino, a situação era muito grave: “Maria das Dores batia com força na mesa a que estava encostada dizendo: o que eu depuser é a verdade e sustento-a ainda que me matem [...]”.

A beata Jahel seguiu o mesmo caminho: reafirmou tudo o que havia dito no processo. Além disso, “disse que o Padre Eterno lhe apareceu no cemitério da Capella do Joaseiro, trajando verde, em figura de um homem, ajoelhado diante da caixa de vidro [...]”. Diante de tão profunda rebeldia, Monsenhor Alexandrino contou, em sua carta ao Bispo, que havia cumprido a ordem recebida:

Intimei todas quatro à tirarem o manto, digo o hábito religioso, e declarei-lhes que estavam privadas dos sacramentos, que duraria enquanto durasse a condenação d’ellas e disse-lhes com toda clareza que do hábito religioso não usariam mais nunca.

Em carta do dia 20 de outubro de 1894, Monsenhor Alexandrino informou ao Bispo que o povo de Juazeiro continuava longe do confessionário:

Raras são as pessoas que vêm a esta cidade com tal fim e estas procuram de preferência o Padre João Carlos, talvez porque este não indagará das suposições de cada penitente relativamente aos factos do Joaseiro.

Em seguida, Monsenhor Alexandrino sugeriu que o Padre Carlos deveria perder o direito de confessar nas freguesias do Cariri, pois a postura dele estava atrapalhando o bom andamento do combate a Juazeiro.

As medidas tomadas pelo Monsenhor Alexandrino resumiam-se em um procedimento básico: cada sacerdote, antes de ouvir a confissão, deveria perguntar ao fiel sobre “os fatos de Juazeiro”. O padre só realizaria o sacramento se o devoto mostrasse submissão às determinações do Bispo. Diante dessas perguntas, alguns fiéis desenvolviam a tática de desviar as respostas para o campo da ambigüidade, fato que muito desagradou ao Monsenhor Alexandrino. Faziam afirmações que, só na aparência, estavam em sintonia com as orientações do Bispo: “Creio em Deus”, ou “Creio em Deus e na Sancta Igreja”.

Na qualidade de atento observador dos desvios, Monsenhor Alexandrino logo percebeu que as declarações dos devotos não representavam um manifesto de obediência:

Semelhantes respostas não me satisfaziam, porque dizem pelo Juazeiro e outros pontos da Freguesia que a Decisão dada pela Congregação não é a da Igreja, e outros que ella [a decisão contra os milagres] é producção de V. Excia.

Encontravam-se formas de preservar crenças sem o abandono da confissão: procurava-se o Padre Carlos ou então dava-se uma resposta ambígua para Monsenhor Alexandrino. Mas, com o fechamento do cerco, partia-se para reações mais agressivas. No livro *Crato do Meu Tempo*, Paulo Elpídio lembrou que a postura do Monsenhor Alexandrino durante a confissão alimentava, ainda mais, a revolta dos fiéis:

Uma vez, ao entrar na casa do Vigário do Crato, [...] vinha saindo de dentro uma mulher em adiantado estado de gravidez. Impres-

sionou-me os gritos do padre. E, ainda mais, a atitude da mulher. Ela dava murro com a mão direita, na palma da esquerda, e gritava, ainda mais alto que o Vigário: - 'Acredito, acredito, acredito! Se quiser me confessar, me confesse, se não quiser, não me confesse!'. A repetição desses fatos era freqüente (MENEZES, 1985, p. 66).

A situação tornou-se ainda mais conflitiva quando a postura dos féis começou a comprometer os rendimentos da freguesia do Crato. Nas cartas do Monsenhor Alexandrino para D. Joaquim, as lamentações também giravam em torno do impacto econômico que a rebelião de Juazeiro produzia. Em missiva do dia 04 de novembro de 1896, Monsenhor Alexandrino mostrou-se indignado com o declínio das rendas gerado pelo decréscimo no número de casamentos:

[...] o Joaseiro nada rende para mim e o Coadjutor, e a razão é a seguinte: de lá vem casar-se uma ou outra pessoa, e isto porque exigimos dos noivos que vem se confessar a descrença nos factos do Joaseiro e elles não obedecem [...]

A baixa nos rendimentos era, também, uma consequência do não-pagamento de batizados por parte do padrinho da criança:

Grande parte das crianças são baptizadas pelo Pe. Cícero quando sofrem qualquer doença, e não voltam ao cumprimento dos cerimoniaes porque o Pe. Cícero, que é o Padrinho, se recusa a pagar a espórtula taxada na Tabella Diocesana.

Mas isto não significava um abandono dos sacramentos. Diante da repressão, os devotos procuraram um jeito de arranjar um outro padre para a celebração das missas, fato que deixou Monsenhor Alexandrino ainda mais indignado:

O povo do Joaseiro não quer capellão dado por V. Exia. (o Bispo). Está agora dando uma função ao Pe. Vicente a quem pagam generosamente, para, todos os Domingos, celebrar Missa na Capella do Saquinho, onde Pe. Cícero dizia a Sancta Missa enquanto não foi suspenso de todas as ordens.

Sob a pressão dos Bispos do Nordeste, vários padres se retrataram. Paulatinamente, as declarações em apoio ao Santo Ofício foram publicadas em jornais seculares e religiosos. Enquanto isso, Padre Cícero continuava com a esperança de modificar as conclusões da Santa Sé. No seu entender os documentos enviados a Roma não permitiram uma avaliação profunda do que acontecia em Juazeiro. Baseado nesse argumento, ele voltou a trabalhar por uma revisão no processo: enviou um recurso para o Santo Ofício.

A tão esperada resposta de Roma só chegou a Juazeiro em junho de 1897. O documento informava que a apelação havia sido rejeitada. Além disso, o Santo Ofício determinava que o Padre Cícero deveria se retirar de Juazeiro em um prazo de 10 dias, caso contrário seria excomungado. Surpreso e aflito, Padre Cícero partiu imediatamente para Salgueiro, uma cidade do interior pernambucano que ficava a 30 léguas de Juazeiro. Na esperança de ter a licença para novamente celebrar missa em Juazeiro, viajou a Roma em fevereiro de 1898.

O resultado da viagem foi o seguinte: de acordo com as orientações oficiais da Santa Sé, Padre Cícero estava perdoado, mas continuava proibido de manifestar qualquer opinião sobre "os fatos de Joaseiro". De volta ao Ceará, Padre Cícero recebeu de Dom Joaquim

a licença para novamente celebrar a missa, “menos em Joazeiro e nas circunvizinhanças”.⁶

Em Juazeiro, Padre Cícero comandou uma política de silêncio em torno do sangue derramado. Por outro lado, assumiu de modo explícito a condição de incentivador das romarias, alegando que todos os peregrinos estavam movidos pela fé em Nossa Senhora das Dores. Procurava colocar o fluxo de romeiros, que teve início com os milagres do Sangue de Cristo, nos quadros da legalidade canônica. No final das contas, o que aconteceu foi um rearranjo de rituais. Pressionado pelas interdições da Igreja, Padre Cícero procurava de todas as formas preservar o fluxo de peregrinos. Mesmo proibido de celebrar missa ele continuou a ter contato direto com os devotos. Ao cair da tarde, costumava aparecer à janela de sua casa para dar a bênção aos romeiros. Na sua curta homilia, dava conselhos calcados na mensagem evangélica, ensinava remédios caseiros e pedia que todos fossem à Igreja de Nossa Senhora das Dores. “Lá, encontravam a Beata Bichinha rezando, cantando *Maria Valei-nos e Senhor Deus Misericórdia*” (XAVIER DE OLIVEIRA, 1982, p. 128).

Em 1898, quando o Padre Cícero voltou de Roma, os ânimos de Juazeiro, em torno do sangue derramado, começaram a dar sinais de arrefecimento. Iniciou-se uma ambígua transformação nos rituais dos peregrinos e dos devotos que moravam (ou iam morar) em Juazeiro. Enquanto Padre Cícero continuou a ter um maior número de devotos, as crenças em torno das beatas começaram a ficar em segundo plano. Não era,

portanto, uma vitória da repressão eclesiástica sobre os fiéis e sim um rearranjo das vivências que davam a Juazeiro a condição de lugar sagrado. Enquanto a Igreja continuava sua política de contenção dos desvios, os devotos operavam seus rituais em louvação ao Padre Cícero e à Nossa Senhora das Dores, que era a padroeira da cidade.

A saída da beata Maria de Araújo do espaço público para o privado, a partir de fins do séc. XIX, foi um processo lento e ambíguo, permeado de tensões e conflitos. De acordo com um relatório confidencial escrito em 1903, certamente encaminhado ao Padre Quintino, no Crato, Juazeiro continuava rebelde:

raro é o indivíduo, homem ou mulher, que segue o catolicismo; cada pessoa tem a religião como pensa, sendo Cícero o seu ministro, seu centro, um deus. Muitos negam qualidades mortais, dizendo que ele não nasceu e que, se tem mãe, é isto apenas uma comparação.

Além de mostrar que os romeiros atribuíam curas milagrosas às plantas que se encontravam pelos arredores da cidade, o relatório fez referência à prolongada e ruidosa tentativa de Maria de Araújo e outras beatas no sentido de ressuscitar um morto. Para o relator, essas mulheres eram “perigosas, maldizentes e intrigantes [...]” (DELLA CAVA, 1985, p. 136).

A trajetória da urna de vidro contendo os panos manchados de sangue foi bem significativa para revelar indícios sobre as múltiplas relações que se fizeram em torno do “Milagre”. De 1889 até 1948, a relíquia passou por várias circunstâncias que mostraram alguns

traços constitutivos da sacralidade de Juazeiro. Inicialmente, era a principal fonte de devoção para as romarias. Em 1892, Dom Joaquim trancou a urna no tabernáculo que ficava em um altar da Igreja do Crato. Seu intuito era evidente: pretendia obliterar a memória do milagre. Mas, em pouco tempo, a urna foi roubada. Em 1894, o decreto do Santo Ofício, citado há pouco, determinou que o autor do roubo deveria devolver a urna. Mas essa ordem, que inclusive frisava ameaças de excomunhão, de nada adiantou. A urna continuou em lugar ignorado. O mistério sobre a autoria do furto só foi revelado em 1910 com a morte de José Marrocos, um dos grandes defensores do "milagre de Juazeiro". A relíquia estava cuidadosamente guardada no meio dos seus pertences.

O intuito do Padre Cícero era tomar posse da urna e de outros objetos de José Marrocos, como manuscritos sobre a história do Cariri, sobre o "milagre" e alguns livros. Alegava que José Marrocos havia lhe dado esse direito, já que não possuía herdeiros. Mas o Juiz de Direito impugnou a decisão do Padre Cícero e, no meio de uma acirrada querela, a urna foi parar nas mãos do Coronel Antônio Luiz, o mais importante líder político do Crato. A partir de então, os vestígios do sangue derramado entraram em cena como objeto de negociações entre os interesses conflitantes de Crato e Juazeiro.

Naquele tempo, Padre Cícero trabalhava pela emancipação política de Juazeiro, que nas esteiras do desenvolvimento comercial havia se transformado em uma cidade com "ares de progresso". A intenção do

Coronel Antônio Luiz era barrar as pretensões do Padre Cícero. Nesse jogo de forças, Padre Cícero aceitou a proposta do inimigo: recebeu a urna e, em troca, desistiu da luta pela autonomia de Juazeiro. No entanto, a desistência foi apenas momentânea. Pressionado pelos comerciantes de Juazeiro, ele não ficou ausente dos movimentos políticos que, a curto prazo, conquistaram a independência.⁷

Padre Cícero escondeu os panos na casa da Sra. Joanhina, sobre a mesa de um altar. Na aparência, a caixa de madeira com as relíquias era apenas o suporte para a imagem do Menino Jesus. No início da década de 20, ao ser interrogado pelo Bispado do Crato sobre o destino dos panos, Padre Cícero assegurou que nada sabia sobre o assunto. Percebia que se caíssem nas mãos da Igreja os vestígios do sangue seriam destruídos.

Mesmo depois da morte do Padre Cícero, em 1934, o destino dos panos era um assunto sobre o qual poucos queriam falar. Mas, em 1948, a professora Amália Xavier entregou a urna ao Monsenhor Joviniano Barreto, então vigário da cidade.

Ao entregar a urna ao Monsenhor Joviniano Barreto, Amália Xavier evidenciou a vontade de conciliar o inconciliável. Em fins da década de quarenta, o intuito da Igreja continuava o mesmo: eliminar, ou pelo menos diminuir, o "fanatismo de Juazeiro". Mesmo acreditando nos poderes do Padre Cícero, Amália Xavier colocou nas mãos da Igreja a grande relíquia da cidade. Era uma ambivalência típica de alguns moradores de Juazeiro, isto é, daqueles que tentavam colo-

car a cidade dentro da legalidade canônica. O livro de Amália Xavier, *O Padre Cícero que eu conheci*, publicado em 1969, constituiu um fluxo discursivo que bem representava esse modo de vivenciar os significados da cidade.

O destino da urna era previsível. Ao cair nas mãos da Igreja, foi completamente destruída. Seguindo as instruções do Diocesano, três padres lançaram fogo aos panos. Em seguida, enterraram as cinzas em um buraco que haviam escavado, na área privada do Seminário São José (ANSELMO, 1968).

Ao entregar os panos, Amália Xavier alimentou a esperança de mostrar que Juazeiro era uma terra obediente às determinações clericais. Ao destruir os panos, a Igreja reafirmou o intuito de jogar os milagres nas malhas do esquecimento. Nada disso aconteceu, ou melhor, aconteceu de um modo diferente. Em meados da década de 70, a Igreja começava a aceitar o “fanatismo” como expressões da “religiosidade popular”, percebendo que, se não dava para ir contra, era melhor juntar-se a eles com certas restrições, com a missão de educá-los por vias de violência menos explícita. E, quanto à memória do sangue derramado, houve um rearranjo de crenças. Enquanto Maria de Araújo perdia importância no imaginário dos romeiros, Padre Cícero assumia o papel de grande santo do sertão.

O espaço dos que acreditavam nos “milagres de Juazeiro” foi, até finais da década de 1950, violentamente reprimido pela Igreja. Por outro lado, esses devotos não desistiram: recriaram e reafirmaram suas

experiências religiosas no espaço e pelo espaço de Juazeiro, reinventando toda sorte de rituais que alimentavam a sacralidade desse território. Dentro de uma política quase conciliatória, os peregrinos não abandonaram o catolicismo. No entanto, lutaram - nem sempre de modo explícito - para defender as virtudes e os milagres do venerado sacerdote em face das acusações lançadas por todos os "descrentes".

Em meados da década de 1970, certamente sob os impactos do Concílio Vaticano II, a querela tomou outras direções. Amenizou-se o repúdio ao "fanatismo". Houve, em certa medida, uma predisposição para a valorização de outros matizes de vivência do catolicismo, tendo em conta o novo princípio condutor que assinalava a "opção preferencial pelos pobres". Esse sinuoso percurso de "resgate da cultura popular", permitiu, aos olhos de parte do corpo clerical, uma certa visibilidade para o que até então era combatido como ignorância religiosa.

Atualmente, o conflito entre a Igreja e os devotos do Padre Cícero guarda outras tonalidades. Ao que parece, a Igreja percebe que não adianta combater as crenças dos romeiros. Hoje, a estratégia de dominação é outra e está baseada em uma profunda ambigüidade. A Igreja ainda não aceita Padre Cícero como um santo, mas ao mesmo tempo não mais reprime as práticas religiosas dos peregrinos. Para não perder fiéis, não combate a existência desse "santo popular", mas de modo quase sempre implícito não aceita a imagem do "padrinho" como fonte de milagre.

Há cem anos, quando Dom Joaquim exercitava sua intolerância, a Igreja ainda tinha uma posição privilegiada. Com o significativo crescimento do protestantismo, do espiritismo e das chamadas "religiões afro-brasileiras", que aconteceu nos processos de urbanização do país, a situação ficou diferente, quer dizer, a Igreja perdeu espaço na geografia do poder religioso. Ao mesmo tempo, o Vaticano II, a Teologia da Libertação, a Renovação Carismática e a relação estreita entre meios de comunicação e catolicismo (ver, por exemplo, o caso do Padre Marcelo Rossi) deram à Igreja uma outra face, que não combinou com repressão violenta. A Igreja percebeu que, para não perder fiéis, tornava-se necessário negociar com manifestações antes marginalizadas, como era o caso das romarias de Juazeiro. Processo tortuoso e múltiplo em que se operou uma transformação da imagem eclesiástica, associada a um perfil mais pluralista e brando, descortinando, portanto, a necessidade de efetuar concessões para assegurar posições de poder.

4. Fios e Falhas do Olvido

As memórias sobre a importância da beata Maria de Araújo na fundação de Juazeiro constituem-se em jogo de claro e escuro, sombra e luz. Memória e esquecimento, que contrastaram com a permanente saturação de lembranças em torno do Padre Cícero. De um modo ou de outro, tudo foi narrado com a pretensão de construir legitimidade a partir da Igreja, mas em um

território de *caça não autorizada*, como diria Certeau (1994).

Em quase todas as narrativas orais que, de algum modo, contemplaram o sangue derramado, Maria de Araújo apareceu em segundo plano. Em sua pesquisa publicada no livro *Trail of Miracles: stories from a pilgrimage in Northeast Brazil*, em 1986, Candance Slater ouviu o seguinte depoimento:

Meu Padrinho estava dando a comunhão ao povo e a hóstia ficou feito sangue na boca da beata Araújo. Aí o bispo, o papa e todos os padre de lá mandaro chamar ele a Roma. Que era pra ele dar conta dessas toáia manchada de sangue. Ou ele levava conta ou ele ia morrer. Fizero como que ele sofreu tanto, tanto em Roma que por fim ele disse, 'Pera aí!'. Antão tirou um desses lenço do bolso... começou amarrar assim nos quatro canto. Aí todo mundo gritou, 'Num faça isso, Padre Cícero!' Que sabiam que se ele amarrasse os quatro cantinho o mundo acabava na hora. Sabiam mesmo que ele estava dizendo era a verdade. Sabiam que aquela mancha era mesmo o Sangue Precioso de Nosso Senhor. - João José da Silva. Chegou a Juazeiro em 1931, aposentado, entrevista: 12 de outubro de 1982 (Apud SLATER, 1986, p. 201).

Até hoje as memórias sobre Maria de Araújo são difusas e, muitas vezes, beiram o esquecimento. Em certas ocasiões, a beata aparece como pecadora e responsável pelos sofrimentos do Padre Cícero. Como ressaltou Candance Slater (1986), esse enfoque se faz presente nas histórias de alguns peregrinos, mas não na voz dos que moram em Juazeiro. O romeiro José Cardoso, por exemplo, acredita que a beata não tem nada de santa, pelo contrário:

Maria de Araújo era uma pecadora, que num acreditava em Jesus. Aí quando foi comungar o meu Padim Ciço apresentou um castigo

pra ela que a hóstia virou sangue. Botou a hóstia na boca dela e quando minou sangue ela pedia perdão (Apud SLATER, 1986, p. 210).

Para a devota Justina Maria de Jesus, a questão é mais complexa:

Maria de Araújo era uma beata que foi comungar, aí começou a cuspir sangue. Meu Padim deu a hóstia pra ela. Mas era tão pecadora que manifestou-se em sangue. Essa Maria de Araújo já tinha um fio, um menininho mudo. Aí o bispo mandou o meu Padim fazer o menino falar. 'Se você não fizer esse menino falar, vou botar a sua batina abaixo', ele disse. Que o bispo tinha muita raiva por causa da beata e queria botar ele no chão. Aí trouxe o menininho mudo achando que o meu Padim num podia nada com ele. Mas meu padim botou a mão na cabeça do menino. Disse, 'menino, em nome de Deus, diz quem é teu pai e tua mãe'. Aí o menino disse, 'meu pai é o bispo de Fortaleza e minha mãe é a beata Araújo'. O bispo ficou com tanta raiva por causa disto que queria envenenar meu Padim. 'Tome aqui esse vinho', ele disse pro meu Padim. Meu Padim fez o siná da cruz por cima do cálice assim, três vezes. Aí bebeu e num tinha nada! (Apud SLATER, 1986, p. 214).

Nas narrativas sobre os prodígios de Juazeiro quase tudo se cria, e pouco se copia. Cada devoto configura, ao seu modo, as histórias que fundamentam a existência do sagrado na cidade do Padre Cícero. É possível encontrar traços comuns, mas há uma imensurável variedade de versões sobre um mesmo acontecimento. Como disse uma devota de Alagoas, "Todoromeiro tem coisa pra contar. Se for pra ouvir cada história, o mundo se acaba e a pessoa não consegue escutar tudo. Juazeiro é maior do que o mundo [...]" (depoimento gravado pelo autor durante uma das romarias de 1989).

Severino do Horto foi um dos poucos poetas de Juazeiro que fizeram um folheto de cordel cujo título

trouxe o nome da beata: *Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo*, publicado em 1989. Reafirmando sua posição de homem desassombrado e ardente defensor dos "Milagres de Juazeiro", Severino anunciou: "Botei a pena na mão / com o coração nervoso / para descrever em verços / um assunto melindroso / desta verdade eu não fujo / sobre Maria de Araújo / e o sangue misterioso."

Severino dirigiu-se ao corpo eclesiástico de um modo incisivo e com uma larga autonomia. Não economizou críticas aos padres, aos Bispos ou a qualquer um que não acreditasse nos prodígios de Juazeiro. Em uma métrica que lembrava a voz dos profetas, ele fez sua pregação:

Sangue Divino na terra / negado por Lúcifer / e pelos fracos de fé / que quiseram fazer guerra / mais o poeta não erra / nem escuta Satanás / porque Jesus é meu pai / me ampara na necessidade / quem negar esta verdade / morre doido e nada faz

O embate entre Padre Cícero e o Bispo assumiu a condição de luta entre Deus e o Diabo: "Mais Satanás invejoso / no plano de perturbar / disse Bispo, humilhe o padre / mande ele se calar [...]". Dando continuidade à sua narrativa em forma de oração, Severino construiu a imagem do Padrinho como um padre completamente insubmisso: "[...] disse: a verdade eu não nego / antes eu prefiro a morte / sou um padre Nordestino / não nego o sangue Divino / no Juazeiro do Norte".

No depoimento do poeta Severino do Horto, gravado em 1999, há um caleidoscópio de memórias que

constituem a espacialidade de Juazeiro. No seu entender, tudo começou com um plano de Deus para os olhos dos pecadores:

A romaria daqui começou com esse negócio desse fenômeno da Beata Maria de Araújo. Essa Beata era uma Beata que Meu Padrinho Cícero criou desde pequena, essa menina. Aí, ela começou guardando aquelas palavras do Meu Padrinho Cícero, aí foi se santificando. Foi uma Beata santa. 28 anos de idade, na época. Aí quando ele foi dar a comunhão a outras mulheres, quando chegou em Maria de Araújo, a hóstia devolveu em sangue. Mas o Padrinho Cícero ficou ocultando, pra ninguém saber. Porque ele sabia que o Bispo de Fortaleza, que era D. Joaquim, parece... O Bispo não ia aprovar isso aí, né? Como de fato não aprovou. Aí veio um padre do Crato, Monsenhor Monteiro, né? Aí chegou aqui e celebrou uma missa... e tal... Aí quando deu a comunhão as outras mulher aí foi dar a comunhão a Maria de Araújo, a hóstia devolve em sangue outra vez. Aí o padre Monteiro entusiasmou-se. Disse:

- Padre Cícero, olhe, a hóstia que eu fui dá aquela menina, a Maria de Araújo, devolveu em sangue, e o sangue líquido que foi para o cálice, e tal...

Aí o Padrinho Cícero disse:

- Você fique calado com isso Monteiro, porque se você for publicar isso, você vai negar. É uma verdade, já faz mais de dois anos que eu venho ocultando isso aí. Que eu sei que o Bispo não vai aprovar.

Aí o Monteiro disse assim:

- Eu negar, Padre Cícero? Eu que vi com os meus próprios olhos? Eu quero cegar dos dois olhos se eu negar!

Aí o Padrinho Cícero disse:

- Pois você vai negar e vai ficar cego.

Aí, pra encurtar a história, ele voltou para o Crato, juntou três mil pessoas e aí começou a romaria daí. Três milromeiros. Aí quando o Padrim Cícero soube ficou meio preocupado:

- Mas Monteiro pra que é que você fez um negócio desse? Você vai negar e você vai cegar!

Depois, aí foram pra Fortaleza, porque o Bispo chamou lá. Chegou lá, aí o Padrinho Cícero ajoelhou-se lá perante o Bispo e jurou como era o sangue de Jesus, com a mão no livro. Quando bateu pra o Padre Monteiro jurar também, ai Padre Monteiro fracassou. Fracassou, aí disse:

- Eu não sei direito, num sei o que...

*E cegou logo lá. Já saiu cego. Foi brincar com as coisas de Deus
(HORTO, Severino. Depoimento, Juazeiro do Norte, 1999).*

Na narrativa de Severino do Horto, Maria de Araújo não é uma personagem totalmente esquecida. Por outro lado, trata-se de uma memória na qual o protagonista dos eventos não é a beata e sim o Padre Cícero. Ele é quem conduz o encadeamento dos fatos: a beata torna-se santa porque incorpora os ensinamentos do Padre Cícero; a beata não fala e aparece como instrumento através do qual o Padre Cícero abre as portas para o Sangue de Cristo. Entre os fiéis, é quase uma regra compor narrativas nas quais a beata aparece em segundo plano, ou nem aparece. No final das contas, o papel principal é ocupado pelo Padre Cícero. Esquecimento e memória.

Na sua vida de agricultor pobre, que foi morar em Juazeiro na década de 40, Severino seguiu o caminho trilhado por milhares de sertanejos, que tinham na experiência religiosa uma forma de criar esperança em uma vida menos enredada na escassez do cotidiano. Ao tornar-se poeta, Severino alargou o grande conjunto de visionários que faziam do cordel uma forma de expressão e devoção. Desde a década de 30, Juazeiro havia se transformado em grande centro de produção e distribuição de folhetos, movimento criativo e de sobrevivência, que teve no Padre Cícero o tema mais recorrente.

Em Juazeiro constituiu-se uma infundável cidade de rimas: na vida e na obra de poetas como João de

Cristo Rei (1900-1983), Manoel Caboclo (1916-1996) ou Expedito Sebastião da Silva (1928-1997); no barulho das tipografias que, entre os anos 40 até a década de 80, fizeram a impressão de utopias e devoção.

Vislumbrar a espacialidade sagrada de Juazeiro significa, necessariamente, abrir os ouvidos para esse imenso e variado território de memórias, que são criadoras e criaturas da fé nos poderes do Padre Cícero. Voz de narrativas, cordéis e benditos.

Os benditos dos romeiros, que são entoados em Juazeiro e a caminho de Juazeiro, fortificam a palavra. No calor da devoção, a narrativa contada assume outras dimensões, tornando-se cantada. Nos momentos em que o rimar se aproxima do rezar, emerge com maior fluidez a musicalidade religiosa do cordel. Ao se tornar cúmplice do canto, o que é dito assume características próprias. Como mostra Paul Zumthor, "o canto erotiza o discurso". Ao ser cantada, a linguagem exalta sua potência, "glorifica a palavra" (ZUMTHOR, 1997).

Aqueles que narram e cantam os mistérios de Juazeiro são inventores e inventos do sagrado, no chão que há mais de cem anos recebe o Sangue do Salvador. Na vida deles e nas histórias residem o sussurro da oração e a poeira que se levanta no caminhar do devoto, pelas ruas de Juazeiro.

5. Notas

1. A historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias ressalta que é necessário abandonar a "ansiedade cartesiana", isto é, "os

métodos que pressupõem equilíbrio, funcionalidade, estabilidade, conservação e *status quo*; estes, voluntariamente ou não, se vêem enredados nos conteúdos formais e normativos das fontes - leis, valores, ensinamentos, dados que veiculam o dever, sistemas ideológicos, de moral, que servem como instrumentos de controle e de manutenção da ordem social estabelecida" (DIAS, 1995, p. 51).

2. Nesse sentido, a observação de Paul Ricoeur é bastante inspiradora: "contrariamente à tradição do *cogito* e à pretensão do sujeito de conhecer-se a si mesmo por intuição imediata, devemos dizer que só nos compreendemos pelo grande atalho dos sinais de humanidade depositados nas obras de cultura. O que saberíamos do amor e do ódio, dos sentimentos éticos, e em geral, de tudo o que chamamos de o *si*, caso isso não fosse referido à linguagem e articulado pela literatura?" (RICOEUR, 1990, p. 58)

3. Cópias do "Processo Instruído" podem ser encontradas em vários arquivos, como no IMOPEC - Instituto da Memória do Povo Cearense-, em Fortaleza, ou no IPESC - Instituto de Pesquisa Sócio-Cultural, em Juazeiro do Norte.

4. Conforme Della Cava, "nada moveu mais o Patriarca, a partir de sua suspensão de 1896, do que o desejo de reaver o exercício de suas ordens. Nem a revolução vitoriosa de 1914, nem a decorrente politização de sua residência sob a influência de Floro, nem seu crescente isolamento dos anos 20 diminuíram essa obsessão. Era, realmente, uma idéia fixa" (1985, p. 279).

5. Com base nas reflexões de Roger Bastide, Ralph Della Cava considera que essa "romanização" foi constituída por cinco princípios fundamentais: "1) a afirmação de autoridade de uma Igreja institucional e hierárquica (episcopal) estendendo-se sobre todas variações populares do catolicismo folk; 2) o levante reformista do episcopado, em meado do século XIX, para controlar a doutrina, a fé, as instituições e a educação do clero e do laicato; 3) a dependência cada vez maior, por parte da Igreja brasileira, de padres estrangeiros (europeus), principalmente das Congregações e Ordens missionárias, para realizar a transição do catolicismo colonial ao catolicismo universalista, com

absoluta rigidez doutrinária e moral; 4) a busca destes objetivos, independentemente e mesmo contra os interesses políticos locais; 5) a integração sistemática da Igreja brasileira, no plano quer institucional, quer ideológico, nas estruturas altamente centralizadas da Igreja Católica dirigida de Roma" (1985, p. 50).

6. Parágrafos baseados na Quarta Carta Pastoral de D. Joaquim, publicada em 1889 e reproduzida na íntegra por Nertan Macedo (1961, p. 178-190), bem como no estudo de Ralph Della Cava (1985, p. 90-116).

7. Parágrafo baseado nos relatos de Otacílio Anselmo (1968, 316-334) e Ralph Della Cava (1985, p. 190-192).

6. Referências

ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

AZZI, Riolando. As Romarias de Juazeiro: catolicismo luso-brasileiro versus catolicismo romanizado. *Anais do 1º Simpósio Internacional sobre o Pe. Cícero e os Romeiros de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: UFC, 1990.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. *A terra da mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPINA, Maria Conceição Lopes. *Voz do padre Cícero e outras memórias*. São Paulo: Paulinas, 1985.

CARVALHO, Gilmar de. *Manoel caboclo – arcano maior*. Juazeiro do Norte: Ipesc-Urca, 1997.

_____. *Madeira matriz: cultura e memória*. São Paulo: Anna-blume, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: 34, 1995.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. Sociabilidades sem história: votantes pobres no império, 1824-1881. In: FREITAS, Marcos César. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998(a).

_____. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: Educ, n. 17, 1998(b).

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Jerusa Pires. *O livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: 34, 1992.

KUNZ, Martine. Pe. Cícero e a Literatura de Cordel. *Anais do Seminário 150 anos do Pe. Cícero*. Fortaleza: RCV Gráfica e Editora, 1994.

_____. *Expedito Sebastião da Silva: poeta-artesão de Juazeiro do Norte*. Juazeiro do Norte: Edições Ipesc-Urca, 1977.

LOURENÇO FILHO, Manoel B. *Juazeiro e o Pe. Cícero: cenas e quadros do Fanatismo no Nordeste*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d].

MACEDO, Nertan (org.). As quatro pastorais de Dom Joaquim José Vieira. In: *O Padre a beata*. Rio de Janeiro: Leitura, 1961.

MAIA, Helvídio Martins. *Pretensos milagres em Juazeiro*. Petrópolis: Vozes, 1974.

MENEZES, Fátima. *Padre Cícero: do milagre à farsa do julgamento*. Recife: Bagaço, 1998.

MENEZES, Fátima e ALENCAR, Generosa (org.). *Homens e fatos na história de Juazeiro*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1989.

MENEZES, Paulo Elpidio de. *O Crato de meu tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 1985.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. O imaginário popular do sertão: rumos para uma pesquisa em antropologia histórica. In: *Revista de Ciências Sociais (UFC)*, Fortaleza, v.23/24, n.1/2, 1992/1993.

_____. As Romarias e o Juazeiro do Pe. Cícero. *Anais do Seminário 150 anos de Pe. Cícero*. Fortaleza: RCV Gráfica e Editora, 1994a.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, Educ., n. 10, 1993.

_____. A filosofia e os fatos. In: *Revista Tempo* (Departamento de História da UFF). Rio de Janeiro, vol.01, n.01, 1996(a).

_____. O massacre de Civitella Val di China (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996(b).

RAMOS, Régis Lopes. *João de Cristo Rei: o profeta de Juazeiro*. Fortaleza: Editora da Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 1994.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SCHOLEM, Gershom. *A Cabala e seu simbolismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

SLATER, Candace. *Trail of miracles*. Califórnia: University of California Press, 1986.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

XAVIER DE OLIVEIRA, Amália. *O Padre Cícero que eu conheci*. Recife: Editora Massangana, 1982.

ZUMTHOR, Paul. *La mesure du monde*. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

_____. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec / Educ, 1997.